



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PARCERIA COLABORATIVA PARA INCLUSÃO ESCOLAR: ASPECTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS

Raquel dos Anjos Alfaia(1); Talyssa Taner Lopes dos Santos(2), Maria do Carmo Lobato da Silva (3)

Universidade do Estado do Amapá (UEAP) E-mail: alfaiaraquel@hotmail.com;

Universidade do Estado do Amapá (UEAP) E-mail: talyssa.taner@gmail.com;

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)E-mail: carmo.lobato@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho é um relato de experiência resultado de uma atividade de oficina pedagógica intitulada “Parceria colaborativa para inclusão escolar: aspectos conceituais e práticos”, cujo objetivo foi apresentar e discutir o conceito de ensino colaborativo ou coensino e seus aspectos conceituais e práticos, utilizando-se para tanto, diversas dinâmicas e momentos de diálogos com o grupo de participantes, estimulando a interação entre todos. Metodologicamente possui caráter qualitativo pautando-se na observação participante e grupo de diálogo. Participaram da oficina professores do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Acadêmicos. A realização de diversas dinâmicas no decorrer da oficina objetivou discutir o papel do professor do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado e aspectos sobre a construção do ensino colaborativo ou coensino dentro dos contextos escolares, identificou-se que os participantes possuíam dificuldades em diferenciar a responsabilidade que cabia ao professor do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado e constatou-se, por meio da dinâmica do “quebra gelo”, que o ensino colaborativo não fazia parte da rotina dos ambientes escolares vivenciados pelos participantes. Os resultados apontaram que um ambiente que propicie o diálogo, o compartilhar as experiências possibilita a reflexão sobre práticas que incentivam a construção e debate sobre o ensino colaborativo nos ambientes escolares, além de incentivar os participantes a apresentarem como sugestão a realização da oficina nas instituições educacionais amapaenses, para propiciar o ensino colaborativo dentro do contexto escolar e as novas possibilidades de se fazer um trabalho colaborativo dentro desse contexto.

Palavras-chave: Educação especial, Ensino colaborativo, Oficina pedagógica.

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) realizou no ano de 2016 a terceira edição do Congresso Amapaense sobre síndrome de Down, com o tema “Família, escola e sociedade na luta pela inclusão”. Durante o evento foram realizadas diversas atividades como palestras, minicursos, oficinas, mesas redondas, exposições, debates, entre outras.

Este trabalho é resultado de uma oficina intitulada “Parceria colaborativa para inclusão escolar: aspectos conceituais e práticos”, a qual teve como objetivo apresentar e discutir o conceito de ensino colaborativo ou coensino e seus aspectos conceituais e práticos, utilizando-se, para tanto, diversas dinâmicas e momentos de diálogos com o grupo de participantes, estimulando a interação entre todos.

Dentre os temas mais discutidos no decorrer da oficina, destaca-se que atualmente os profissionais da educação encontram muitos desafios no seu cotidiano profissional que exigem sua dedicação e atenção para resolvê-los Para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Arantes (2006 p. 8) o melhor caminho a seguir é o diálogo, pois:

[...] Pelo diálogo é possível buscar equilíbrio entre interesses particulares e antagônicos que sustentam as disciplinas e os campos específicos de conhecimento. Por meio dele, pode-se aceder novas formas de organização do pensamento e das práticas educativas cotidianas, a partir do conhecimento produzido pelos pontos e contrapontos trazidos à tona por seus atores e protagonistas, sem, com isso, anular as diferenças e especificidades de cada disciplina.

A alusão à importância do diálogo no cotidiano escolar foi comum na maioria dos discursos socializados durante as discussões, corroborando com a afirmativa de Arantes (2006), pois dialogando os profissionais podem socializar metodologias utilizadas com sucesso, conhecimentos teóricos e até mesmo experiências negativas, contribuindo para a construção de práticas educacionais de qualidade.

O coensino, segundo Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014, p. 45-46) “é um dos modelos de prestação de serviço de apoio no qual um professor comum e um professor especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de estudantes”, logo, exige que os profissionais estabeleçam contato direto entre si. Portanto, o trabalho colaborativo apresenta-se como uma prática de inclusão escolar atual que mais atende as necessidades da comunidade escolar em geral e não somente das pessoas com deficiência.

No âmbito da realidade amapaense percebe-se uma carência em relação aos estudos que discutam essa temática considerando a realidade local, deste modo este estudo se propõe a socializar experiência de uma oficina pedagógica sobre a temática parceria colaborativa, considerando seus aspectos conceituais e práticos, na realidade amapaense.

METODOLOGIA

O estudo baseia-se na pesquisa qualitativa, afinal, segundo Teixeira (2005), a metodologia de pesquisa qualitativa possibilita a busca pela compreensão intensa de determinada realidade e o pesquisador apresenta maior proximidade em relação aos dados pesquisados. Caracteriza-se como observação participante pelo fato de o pesquisador “mergulhar de cabeça no campo, que observará a partir de uma perspectiva de membro, mas deverá, também, influenciar o que é observado graças a sua participação” (FLICK, 2009, p. 207).

A oficina intitulada “Parceria colaborativa para inclusão escolar: aspectos conceituais e práticos” foi subdividida em cinco momentos: 1) *dinâmica do quebra gelo*, 2) *dinâmica da árvore da sabedoria*, 3) *Dinâmica da caixa “atribuições de papéis”*, 4) *Debate referente parceria colaborativa – aspectos teóricos e práticos* e 5)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Resolução de situações-problemas sobre ensino colaborativo. Sendo que iniciou às 14h30min e finalizou-se às 18h00min. O público participante da oficina consistiu em (quantos) acadêmicas de graduação e (quantos) professoras da educação básica.

Na *dinâmica do quebra gelo*, todos os participantes estavam de pé e formaram um círculo, o participante que iniciasse a dinâmica deveria segurar um rolo de barbante, dizer seu nome, profissão e socializar de maneira sucinta sua compreensão referente à inclusão escolar. Seu propósito foi possibilitar a apresentação de cada participante.

Posteriormente fez-se a dinâmica da *árvore da sabedoria*, neste momento os participantes subdividiram-se em três grupos e cada um escolheria uma pessoa para ficar de olhos vendados, o restante do grupo (sem vendas nos olhos) deveria conduzi-la até a árvore para que nela conseguisse colocar quatro frutos, um de cada vez. Cada grupo deveria organizar-se da forma que decidissem ser mais adequada para repassar as orientações à quem estaria de olhos vendados, venceria o grupo que concluísse primeiro a tarefa. Para finalizar, foram orientados a socializar suas sensações no desenvolvimento da tarefa e suas lições para a atuação profissional no cotidiano escolar, a intenção da dinâmica era o sentimento de impotência que as pessoas com deficiências têm ao se depararem com um ambiente novo sem auxílio necessário as suas necessidades especiais.

O terceiro momento consistiu na realização da dinâmica da caixa “atribuições de papéis”, a qual ocorreu da seguinte maneira: os participantes permaneceram subdivididos em três grupos, o grupo 01 ficou responsável por buscar na caixa de funções as atribuições do professor do ensino regular, grupo 02: parceria colaborativa, grupo 03: professor da educação especial, o propósito era identificar os conhecimentos do papel de cada profissional dentro do ambiente escolar.

Logo após a conclusão da dinâmica iniciou-se o debate “Parceria colaborativa: aspectos teóricos e práticos”, este foi realizado com o auxílio de apresentação no *PowerPoint*, contou com participação ativa dos participantes e reflexões referentes as atribuições dos profissionais estabelecidas na dinâmica anterior. Em seguida, finalizou-se a oficina com a realização de atividades práticas, nesta, cada grupo recebeu uma situação-problema que deveria ler, refletir e analisá-la considerando a necessidade do planejamento colaborativo e os estágios de implantação dessa proposta educacional. Por fim, os participantes foram instigados a avaliar a realização da oficina, ressaltando pontos positivos e negativos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A Educação Especial na perspectiva inclusiva garante por meio de instrumentos legais (Leis, Decretos, resoluções, etc) o possível acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da escola regular. E entre os propósitos da política de educação especial é assegurar a remoção das barreiras sociais e pedagógicas que venham causar prejuízos ao acesso à aprendizagem. Nesse sentido, Glat e Blanco (2009, p.16) afirmam que “para a escola tornar-se inclusiva é preciso formar seus professores e a equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela inferem”.

Os membros dessa equipe ao trabalharem juntos, se apoiam, visando atingir objetivos comuns, estabelecendo relações que tendem a não hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e co-responsabilidade pela condução das ações escolares confinantes ao alunado com necessidades educacionais especiais, portanto, a colaboração deve ser vista como uma interação projetada para facilitar a realização de um objetivo ou produto final.

Partindo desse pressuposto, os sistemas escolares estão calcados num pensamento que recorta a realidade e permite subdividir os alunos em *normais* e com *deficiências*. Na contraposição, a educação inclusiva busca desenvolver ações que valorizem e respeitem as diferenças, vendo-as como uma oportunidade para otimizar o desenvolvimento pessoal e social e para enriquecer os processos de aprendizagem. Implica uma maior flexibilidade e diversificação da oferta educativa que assegurem os alunos a obter as competências básicas, estabelecidas no currículo escolar, por meio de diferentes propostas e alternativas quanto às situações de aprendizagem e estratégias de ensino.

Para Mantoan (2004, p.38) "o pensamento subdividido em áreas específicas é uma grande barreira para os que pretendem, como nós, inovar a escola". Nesse viés, o sistema educacional deve organizar-se para promover respostas pedagógicas aos alunos, em atendimento às necessidades educacionais, sem atitudes discriminatórias e seletivas.

Cabe ao educador diversificar as estratégias e metodologias de ensino e fazer das aulas momentos significativos de aprendizagem. Com isso, vivenciará as características evolutivas e ter dados referentes aos aspectos no progresso das diferentes habilidades no aprimoramento do conhecimento dos alunos com necessidades especiais.

Segundo Munhoz (2012, p.44) é fundamental que o educador construa novos conhecimentos para beneficiar a construção de propostas significativas no processo de ensino e aprendizagem. É preciso que o educador estabeleça uma relação afetiva próxima e constante com as crianças. De acordo com a autora, é através dessas visões que o professor



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

vai escolher os procedimentos e recursos de ensino adequados de acordo com as necessidades de cada aluno.

A inclusão escolar é um desafio constante nos dias atuais. Nesse sentido, trabalhar na perspectiva da inclusão de forma ampla significa oferecer múltiplas condições para melhorar a aprendizagem de cada discente. Mantoan (2005, p.26) afirma:

A inclusão é uma ruptura de base na estrutura organizacional da educação, por isso, quem mais está autorizado, no sentido de ter maior competência para realizar esse novo trabalho (desafio), somos nós professores (as). E devemos lembrar que "o papel do professor é ser regente de classe, e não especialista em deficiência" (MANTOAN, 2005, p.26).

É importante enfatizar que, se de um lado, deve-se levantar a bandeira da tolerância, como um dos princípios do ensino, o respeito às diferenças conjuga-se com esse princípio, de modo a favorecer a unidade na diversidade, a semelhança na dessemelhança. Decerto, o respeito às diferenças de linguagem, às variedades linguísticas e culturais, é a grande tarefa dos educadores do novo milênio.

Sendo assim, a oficina proporcionou uma oportunidade de troca de experiências entre os participantes referentes às dificuldades dos alunos com deficiência dentro do ambiente escolar ao qual está inserido e seus conhecimentos teóricos e práticos relativos ao coensino. O envolvimento de todos nas dinâmicas ocorreu de maneira positiva, contribuindo para a conscientização da importância de todos na busca pela inclusão educacional, pois cada experiência, conhecimento e dúvida compartilhados enriqueceram as discussões, tornando-as mais prazerosas e significativas para a modificação dos conceitos do papel de cada membro da comunidade escolar no processo inclusivo (RODRIGUES e CAPELLINI, 2014).

A realização de diversas dinâmicas no decorrer da oficina objetivou discutir o papel do professor do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado e aspectos sobre a construção do ensino colaborativo ou coensino dentro dos contextos escolares, identificou-se que os participantes possuíam dificuldades acentuadas em diferenciar a responsabilidade que cabia ao professor do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado e constatou-se, por meio da dinâmica do “quebra gelo”, que o ensino colaborativo não fazia parte da rotina dos ambientes escolares vivenciados pelos participantes, em suas falas percebeu-se o não conhecimento sobre o papel de cada um, professora Ana desse, *“eu pensei que tinha acertado todas as atribuições, pois trabalho do AEE a muitos anos, e o pior é que eu sempre brigava com todos dizendo que conhecia minha função dentro da escola”*, uma outra professora que participava da oficina também deixou claro que não conhecia seu real papel dentro da instituição, *“de verdade não sei pra que*



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tem AEE dentro da escola, já que sempre nós sentimos sozinhas dentro de sala de aula” , Vilaronga e Zerbato (2014, p.65) afirmam:

A força da colaboração encontra-se na capacidade de unir as habilidades individuais dos educadores para promover sentimentos de interdependência positiva, desenvolver habilidades criativas de resolução de problemas e apoiar um ao outro, de forma que todos assumam as responsabilidades educacionais.

Podemos perceber que a falta de conhecimentos dos professores que estão ligados diretamente no contexto da educação especial, necessitam de suporte para fazer seu trabalho e a escola precisa estar comprometida com os alunos que estão inseridos no contexto educacional, e a parceria colaborativa é uma maneira de todos fazerem parte desse processo de construção.

Assim, com a dinâmica “árvore da sabedoria” os participantes foram estimulados a trabalhar colaborativamente para conseguir alcançar o objetivo da atividade e, posteriormente, as três pessoas que permaneceram de olhos vendados relataram o que sentiram e a organização do grupo para alcançar o objetivo comum, segundo estes participantes a sensação de não poder enxergar nada é desconfortante e exigiu atenção às orientações dos outros participantes do grupo que tinham a responsabilidade de conduzi-los até a árvore. Os participantes relataram que o medo, a insegurança e o desconforto estiveram presentes nesse momento, porém o desafio de alcançar o objetivo da atividade, caminhando sem se machucar, o estimulou a seguir até o fim. Também afirmaram que este momento fez com que refletissem sobre suas ações nos ambientes que as pessoas com deficiência fazem parte, Márcia disse *“a sensação é horrível, agora eu sei como uma pessoa cega se sente quando estar em um lugar desconhecido”*, e o relato de Clarisse foi mais além, *“eu nunca tinha participado de uma dinâmica que ficasse vendada, me senti perdida e logo me arrependi de participar pois eu me senti impotente e não gostei de depender os outros para terminar a dinâmica, muito ruim mesmo gente”*. Após esses relatos enfatizou-se durante o grupo dialogal que a construção da parceria colaborativa é gradativa, não instantânea, perpassa por diversos desafios. Mendes, Vilaronga e Zerbato (2014) descrevem três diferentes estágios pelos quais os profissionais da educação regular e especial transitarão para então alcançar a parceria colaborativa de fato. São eles: estágio inicial, neste os professores comunicam-se superficialmente; estágio de comprometimento: a comunicação entre os profissionais ocorre com mais frequência e o nível de confiança entre eles aumenta; estágio colaborativo: a comunicação e interação ocorre de fato e os profissionais trabalham em conjunto.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

No último momento da oficina, a resolução de situações-problemas relativas à parceria colaborativa na rotina das instituições educacionais, percebeu-se a preocupação dos participantes em utilizar com exatidão os conceitos teóricos e práticos assimilados na oficina para compreender a situação-problema e posteriormente socializar com os colegas suas impressões. Felizmente, todos os grupos conseguiram fazer uma análise adequada das situações-problema, demonstrando o sucesso da oficina.

CONCLUSÕES

Infelizmente, o respeito às diferenças não tem sido uma prática comum no cotidiano das pessoas, porém, depois de cinco séculos de civilização tropical, descobrimos que a igualdade passa pelo respeito às diferenças ideológicas, às concepções plurais de vida, de pedagogia, às formas de agir e de ser feliz dos gêneros humanos.

Desse modo, o educador deve ter a preocupação em reeducar-se de forma contínua uma vez que nossa sociedade ainda traz no seu tecido social as teorias da homogeneidade para as realizações humanas, teoria que, depois de 500 anos, conseguiu apenas reforçar as desigualdades sociais. Não há dúvida que é preciso amar, viver e ser felizes com as diferenças, pois, nelas encontram-se as semelhanças históricas e ancestrais, é, dessa maneira, a forma de dizer ao mundo que as diferenças nunca diminuem, e sim, somam valores e multiplicam os gestos de fraternidade e paz entre os homens.

Segundo Mendes (2006), a proposta do ensino colaborativo é nova, embora na literatura estrangeira exista um vasto trabalho nesse sentido, aqui no Brasil esse “modelo” ainda é pouco conhecido, ele vem favorecer a inclusão escolar de alunos com deficiência, porém só acontecerá se todos estabelecerem uma relação afetiva com os alunos envolvidos nesse processo, buscando assim diferentes canais de comunicação e promovendo sua autonomia, contribuindo assim para o sucesso do aluno tanto em sua vida profissional quanto na familiar.

Sendo assim, a realização da oficina pedagógica mostrou aos participantes alguns aspectos teóricos e práticos referentes à parceria colaborativa, a qual tornou-se uma proposta pedagógica em ascensão nos últimos anos. Os participantes afirmaram possuir interesse em incentivar e divulgar o ensino colaborativo nos ambientes escolares e apresentaram como sugestão a realização da oficina nas instituições educacionais amapaenses, por acreditar que esta prática educacional tem mais possibilidade de atender as demandas dos alunos com e sem deficiência.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nos momentos de diálogos entre os participantes foi possível notar que alcançou-se os objetivos da oficina, pois os participantes demonstraram disposição, posteriormente, buscar conhecer de maneira mais profunda a parceria colaborativa por meio da leitura de teses e artigos e participação em cursos, minicursos, oficinas, entre outros eventos locais e online referentes a temática.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Valéria Amorin; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. Ed. Porto alegre: Artmed, 2009.
- GLAT, Rosana. BLANCO, Leila de Macedo Varela. **Educação Especial no contexto de uma educação inclusiva.** In: GLAT, Rosana. Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.
- GLAT, Rosana. PLETSCH, Márcia Denise. **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais.** Editora: EdUERJ . Rio de Janeiro, 2013.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.** In: Nova Escola, maio de 2005.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é, Porque? Como Fazer?** Edição reservada. São Paulo: Summus, 2004.
- MENDES, Enicéia Gonçalves, **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 387-405, set./dez.2006.
- MENDES, Enicéia Gonçalves. VILARONGA, Carla Ariela Rios. ZERBATO, Ana Paula. **Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar: Unindo esforços entre Educação comum e especial.** São Carlos: EduFscar, 2014.
- MUNHOZ, S.C.D.; ZANELLA, A.V. **Linguagem escrita e relações estéticas: algumas considerações.**Psicol. Estud, v.13, n.2, p. 287/295, 2012.
- RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. **Práticas inclusivas: fazendo a diferença.** RJ: Wak Editora, 2014. p. 36.
- TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.